Informativo FJP

Estudos Populacionais - Mercado de Trabalho

v.1 n.1 | 8 de março de 2021

As mulheres no mercado de trabalho em 2020

O ano de 2020 foi marcado pela pandemia da covid-19, cujas medidas de contenção da doença afetaram profundamente o mercado de trabalho. As pesquisas de monitoramento da inserção laboral da população (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PnadC, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE) e os registros administrativos que acompanham as contratações e demissões do emprego formal no Brasil (Cadastro Geral de Emprego e Desemprego – Caged, do Ministério da Economia - ME) mostram que homens e mulheres foram desigualmente afetados pelo rearranjo do mercado de trabalho. Embora essas pesquisas não sejam diretamente comparáveis, ambas mostram aspectos relevantes das condições de trabalho da população.

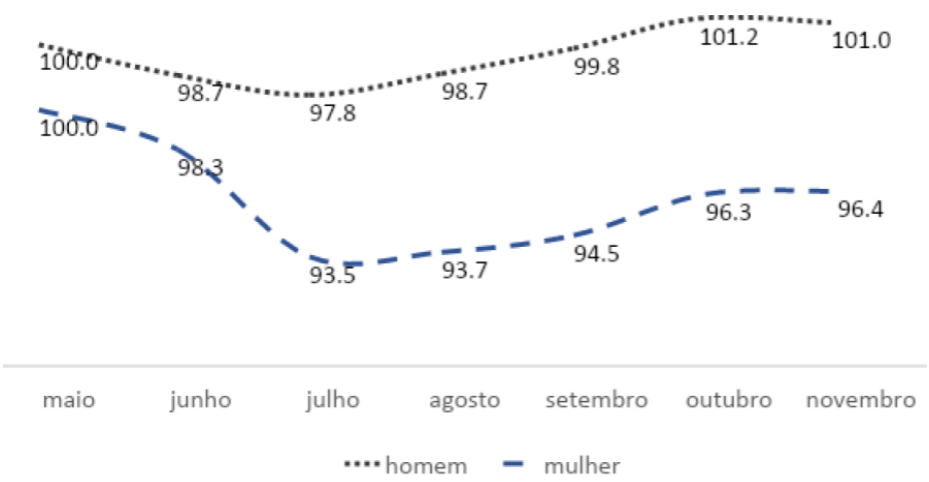
Geralmente, em tempos de retração econômica, os grupos mais vulneráveis do mercado de trabalho são os menos escolarizados, e/ou os mais jovens, as mulheres e os negros. Especificamente com a deflagração da pandemia e todos os rearranjos sociais e laborais daí decorrentes em 2020, é necessário chamar atenção para alguns fatores que marcaram a desigualdade de gênero na sociedade em geral.

Em primeiro lugar, a má distribuição das tarefas domésticas e/ou de cuidado acarretou na sobrecarga das mulheres e, em alguns casos, na necessidade de afastamento do trabalho remunerado. Com o fechamento das escolas, em um primeiro momento, seguido das aulas remotas, sobretudo para a rede privada de ensino, crianças e adolescentes passaram a permanecer no espaço doméstico, onde as mulheres eram ainda mais responsabilizadas pela dinâmica de funcionamento da casa, dos cuidados e acompanhamento dos filhos. Em segundo lugar, a segregação ocupacional, que já tradicionalmente situava as mulheres em determinadas atividades, influenciou na reconfiguração de sua participação, uma vez que foram justamente os nichos de trabalho predominantemente femininos os mais afetados pelas medidas de contenção da covid-19. Exemplos bem clássicos são as atividades de educação, os serviços domésticos remunerados e o comércio em geral.

Em 2020, mais especificamente entre maio e novembro, o IBGE realizou a Pnad Covid, tornando-se um instrumento de identificação e monitoramento dos impactos da pandemia sobre o mercado de trabalho brasileiro.

Em maio havia, em Minas Gerais, 9,3 milhões de pessoas ocupadas, das quais, 42,6% eram mulheres. Nos meses de junho e julho houve acentuada retração do mercado de trabalho, com redução líquida de 373 mil postos de trabalho. Desse montante, 68,4% atingiram as mulheres. A partir de agosto, novos postos de trabalho foram criados, mas em um ritmo muito lento, sobretudo para as mulheres.

Gráfico 1: Evolução de postos de trabalho segundo gênero, Minas Gerais, maio-novembro 2020



Fonte: Pnad Covid/IBGE; elaboração CEP/Direi - FJP

No caso dos homens, a partir de outubro o nível ocupacional já havia sido recomposto, enquanto para as mulheres, ao contrário, o nível ocupacional encontrado em novembro ainda era 3,6% inferior ao verificado no início da pesquisa (maio) – vide Gráfico 1. É importante ressaltar que a Pnad Covid se iniciou quase dois meses após o início da pandemia e, portanto, não foi capaz de capturar as perdas já vivenciadas anteriormente.

Uma das primeiras estratégias de manutenção do emprego nos momentos mais críticos da pandemia, por um lado, foi o afastamento do trabalho, e, por outro, a adoção do teletrabalho para as ocupações em que essa opção fosse possível. O contingente de pessoas afastadas se reduziu ao longo dos meses, especialmente para os homens. Dos 1,4 milhão de trabalhadores afastados em maio, 60,9% eram mulheres. Essa proporção aumentou nos meses subsequentes, atingindo 65% em novembro, ou seja, nesse mês havia 121 mil homens afastados do trabalho e 226 mil mulheres (Tabela 1). Ao longo do tempo, o afastamento foi ficando cada vez mais predominantemente feminino.

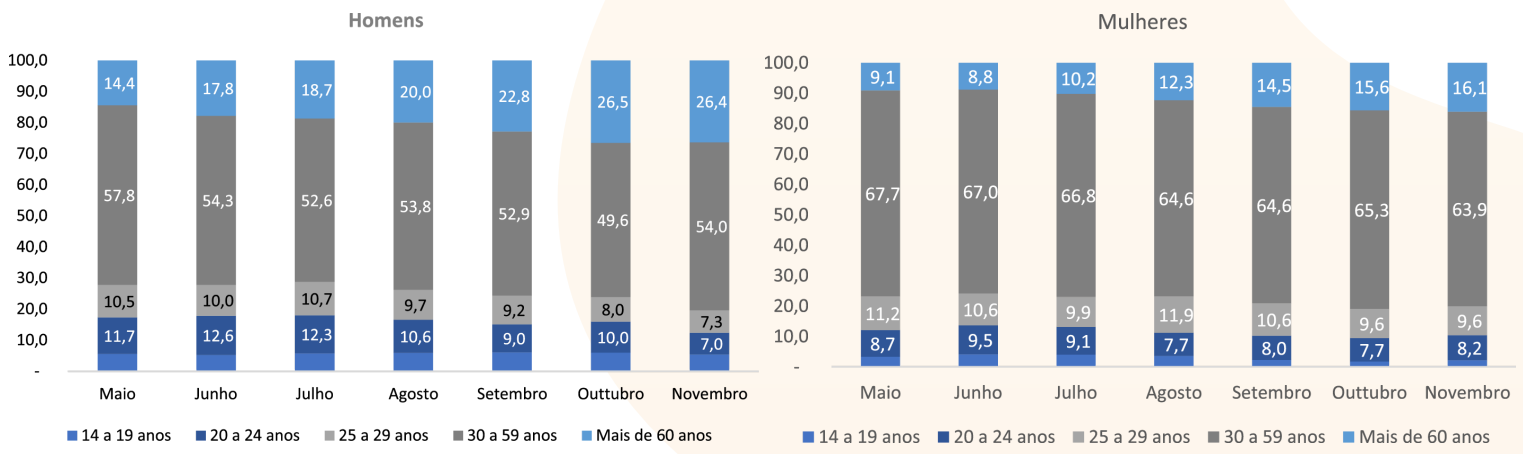
Tabela 1: Distribuição dos trabalhadores afastados temporariamente do trabalho em decorrência de quarentena, isolamento, distanciamento social ou férias coletivas, segundo gênero - Minas Gerais, maio a novembro 2020 (em mil pessoas)

Mês/Sexo	Valores absolutos			Percentuais	
	Homem	Mulher	Total	Homem	Mulher
Maio	554	863	1.417	39,1	60,9
Junho	429	670	1.100	39,0	61,0
Julho	336	589	925	36,3	63,7
Agosto	265	451	716	37,0	63,0
Setembro	195	335	530	36,8	63,2
Outubro	131	265	396	33,1	66,9
Novembro	121	226	347	35,0	65,0

Fonte: IBGE. PNAD Covid; eaboração: CEP/Direi - FJP

A distribuição etária dos afastados é similar para homens e mulheres e teve maior incidência entre os adultos de 30 a 59 anos de idade. Ademais, ao longo dos meses de maio a novembro, o grupo etário de 60 anos foi o único que teve aumento relativo entre os grupos etários, para ambos os sexos. Todos os demais grupos etários foram reduzindo sua participação relativa, o que se explica, em grande medida, pela necessidade maior de proteção das pessoas de 60 anos e mais, que são alvos mais vulneráveis à doença da Covid-19.

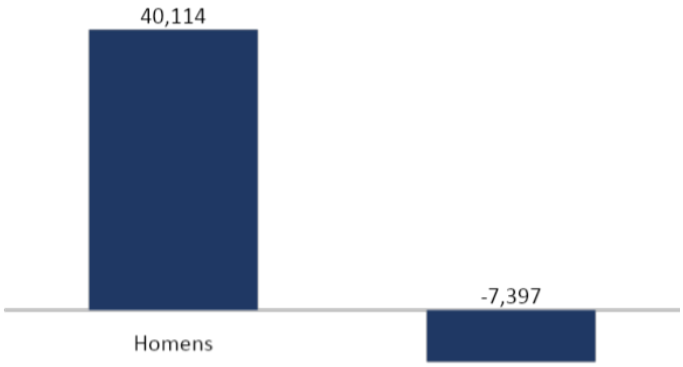
Gráfico 2: Distribuição dos afastados segundo faixa etária e gênero, Minas Gerias, maio a novembro de 2020 (%)



Fonte: IBGE. PNAD Covid; elaboração: CEP/Direi - FJP

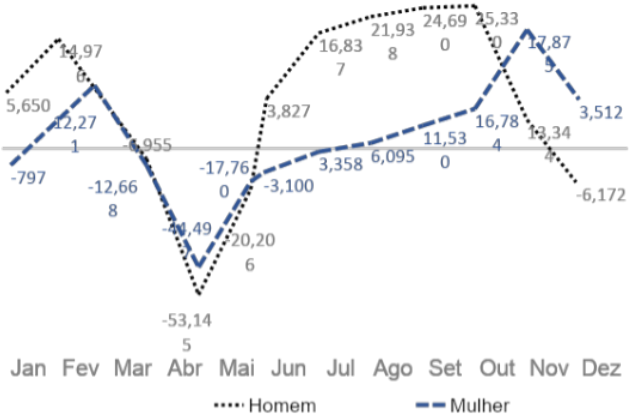
Considerando-se apenas o mercado de trabalho formal, a sinalização do Caged por gênero indicou que a movimentação do emprego de homens e mulheres teve comportamento distinto, em desfavor do último grupo, como também indicado pelas pesquisas amostrais do IBGE (as Pnads). Especificamente no Caged, os meses com maior retração do emprego foram abril e maio, mas ao longo de 2020 o saldo líquido acumulado entre contratações e demissões terminou negativo para as mulheres (-7.397 empregos), enquanto os homens tiveram saldo positivo de (40.114). O resultado de 2020 do Caged mostrou, assim como a Pnad Covid, que a recuperação parcial do emprego e a reversão das perdas foi mais rápida para os homens comparativamente às mulheres (Gráficos 3 e 4).

Gráfico 3: Saldo de empregos formais, por sexo, série com ajuste – Minas Gerais – novembro e acumulado de janeiro a dezembro de 2020 – vínculos



Fonte: CAGED Movimentação; elaboração: CEP/Direi - FJP.

Gráfico 4: Saldo de empregos, por sexo - Minas Gerais - jan. a dez. de 2020



Fonte: CAGED Movimentação; elaboração: CEP/Direi - FJP.

Ainda segundo os dados extraídos do Caged, os trabalhadores no setor de serviços foram o grupo ocupacional mais impactado no ano, destacando-se vendedores do comércio em lojas e mercado, onde predominam-se postos de trabalho ocupados por mulheres. No grupo dos membros superiores do poder público também houve retração no acumulado do ano, e a redução foi maior para os homens que para as mulheres.

Desagregadamente, como mostrado pela Tabela 2, as ocupações que mais se retraíram foram as predominantemente desempenhadas por mulheres, como profissionais de ensino, trabalhadores da indústria têxtil, e dos serviços em geral. Na lista de ocupações com os maiores saldos positivos, parte considerável tem sub-representação feminina, como (i) profissionais das ciências exatas, físicas e da engenharia, (ii) indústria extrativa e da construção civil e, (iii) agropecuária.

Tabela 2: Dez maiores saldos positivos e negativos de empregos, segundo grupos ocupacionais e por sexo - Minas Gerais - jan. a dez. de 2020

HOMENS

Grupos Ocupacionais	Saldo (abs.)	Grupos Ocupacionais	Saldo (abs.)
Trabalhadores de funções transversais	20.467	Profissionais ciências biológicas, saúde	-117
Trabalhadores da indústria extrativa e da construção civil	15.846	Outros técnicos de nível médio	-120
Profissionais das ciências exatas, físicas e da engenharia	3.516	Trabalhadores atendimento ao público	-130
Trabalhadores da transformação de metais e de compósitos	3.204	Técnicos nível médio em serviços de transportes	-269
Escriturários	2.351	Profissionais do ensino	-395
Técnicos de nível médio das ciências físicas, químicas, engenharia	2.097	Trabalhadores da fabricação de alimentos, bebidas e fumo	-638
Trabalhadores na exploração agropecuária	1.601	Vendedores e prestadores de serviços do comércio	-770
Técnicos de nível médio das ciências biológicas, bioquímicas, saúde	1.101	Trabalhadores nas indústrias têxtil, vestuário e artes gráficas	-2.503
Trabalhadores em serviços de reparação e manutenção mecânica	834	Gerentes	-2.727
Técnicos de nível médio nas ciências administrativas	722	Trabalhadores dos serviços	-7.337

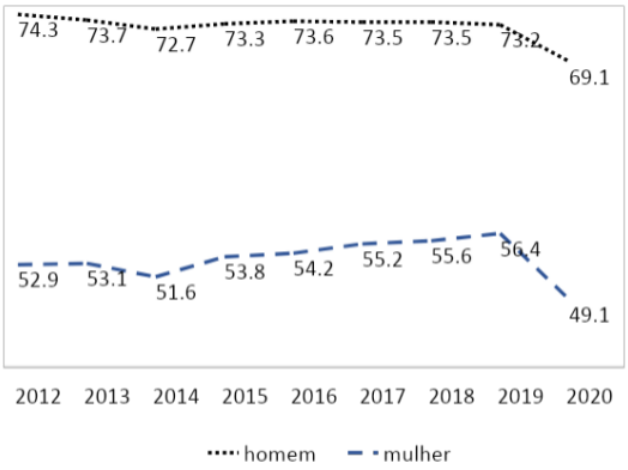
MULHERES

Grupos Ocupacionais	Saldo (abs.)	Grupos Ocupacionais	Saldo (abs.)
Trabalhadores de funções transversais	5.877	Trabalhadores da fabricação de alimentos, bebidas e fumo	-171
Técnicos de nível médio das ciências biológicas, bioquímicas, saúde	5.589	Técnicos em nível médio dos serviços culturais, das comunicações	-359
Trabalhadores de atendimento ao público	4.343	Outros trabalhadores da conservação, manutenção e reparação	-396
Profissionais das ciências biológicas, da saúde e afins	2.026	Profissionais do ensino	-441
Profissionais das ciências exatas, físicas e da engenharia	1.166	Escriturários	-510
Técnicos de nível médio das ciências físicas, químicas, engenharia	958	Professores leigos e de nível médio	-2.081
Trabalhadores da transformação de metais e de compósitos	743	Gerentes	-2.459
Trabalhadores na exploração agropecuária	644	Trabalhadores nas indústrias têxtil, vestuário e artes gráficas	-5.701
Trabalhadores da fabricação e instalação eletroeletrônica	615	Vendedores e prestadores de serviços do comércio	-7.752
Trabalhadores da indústria extrativa e da construção civil	500	Trabalhadores dos serviços	-11.847

Fonte: CAGED Movimentação; elaboração CEP/Direi - FJP.

A PnadC permite construir um cenário mais abrangente do mercado de trabalho, formal e informal, por gênero, comparativamente ao Caged. Nela é possível analisar tanto as pessoas que fazem parte do mercado de trabalho quanto às que estão fora dele. A PnadC de 2020 indica que as mulheres foram mais atingidas do que os homens, apesar de os dados disponíveis até o momento referirem-se ao terceiro trimestre de 2020.

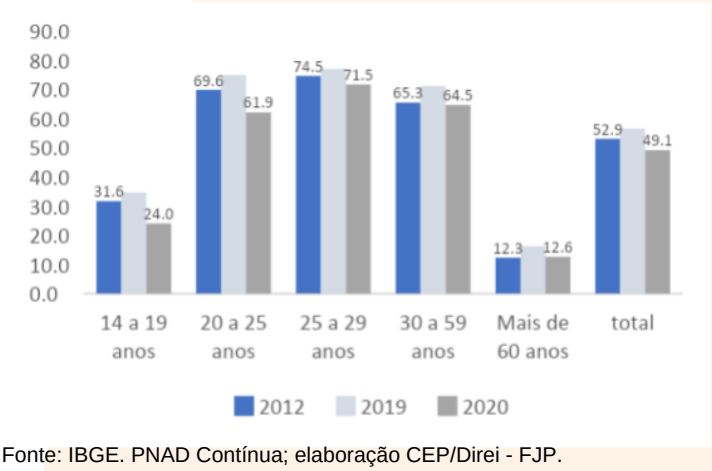
Gráfico 5: Taxa de participação segundo gênero, Minas Gerais, 3º trim. 2012 a 3º trim. 2020 (%)



Fonte: IBGE. PNAD Contínua; elaboração CEP/Direi - FJP.

Comparando-se os dados dos terceiros trimestres de cada ano (Gráfico 5), verifica-se que o contingente de mulheres fora do mercado de trabalho aumentou em 784 mil em Minas Gerais na comparação com 2012, primeiro ano da série. Com isso a taxa de participação feminina atingiu o menor patamar da série histórica da pesquisa, 49,1%. As mulheres que estavam no mercado de trabalho - população economicamente ativa – totalizaram 4,6 milhões em 2020, contra 5,1 milhões no ano anterior. As taxas de participação em cada faixa etária podem ser vistas com mais detalhes no Gráfico 6.

Gráfico 6: Taxa de participação das mulheres por faixa etária, Minas Gerais, 3º trim. 2012, 3º tri. 2019, 3º trim. 2020 (%)

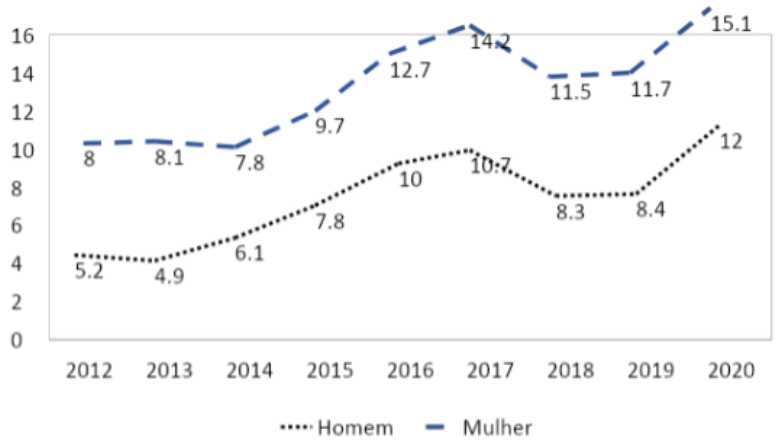


Fonte: IBGE. PNAD Contínua; elaboração CEP/Direi - FJP.

A taxa de desocupação das mulheres seguiu trajetória ascendente até 2017. A recuperação ocorrida em 2018 e 2019 foi revertida e 2020 apresentou seus piores resultados tanto para homens quanto para mulheres, com maior intensidade no último grupo. O contingente de desocupados foi acrescido em 269 mil pessoas no terceiro trimestre de 2020 em relação ao ano anterior e, comparado a 2012 foram 732 mil pessoas a mais desocupadas. A taxa de desocupação das mulheres alcança o patamar recorde de 15,1% assim como dos homens, mas com patamar inferior (12%) – vide Gráfico 7. Estima-se que, em Minas Gerais, havia 692 mil mulheres desocupadas e 700 mil homens no terceiro trimestre de 2020.

Fonte: CAGED Movimentação; elaboração CEP/Direi - FJP.

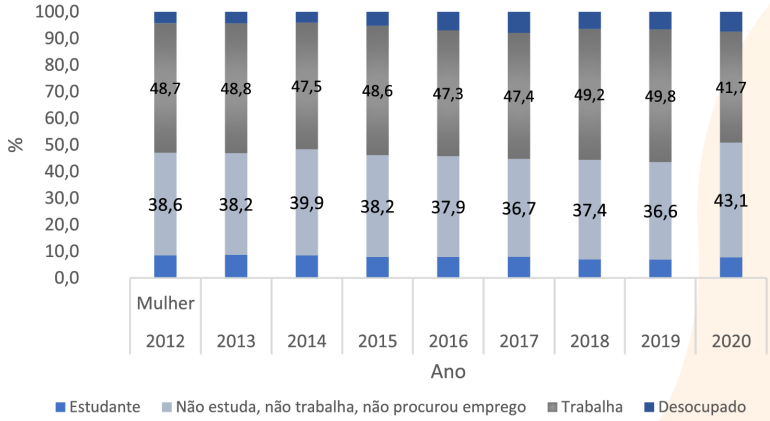
Gráfico 7: Taxa de desocupação, por sexo - Minas Gerais – 3º trimestre 2012-2020 (%)



Fonte: IBGE. PNAD Contínua; elaboração: CEP/Direi - FJP

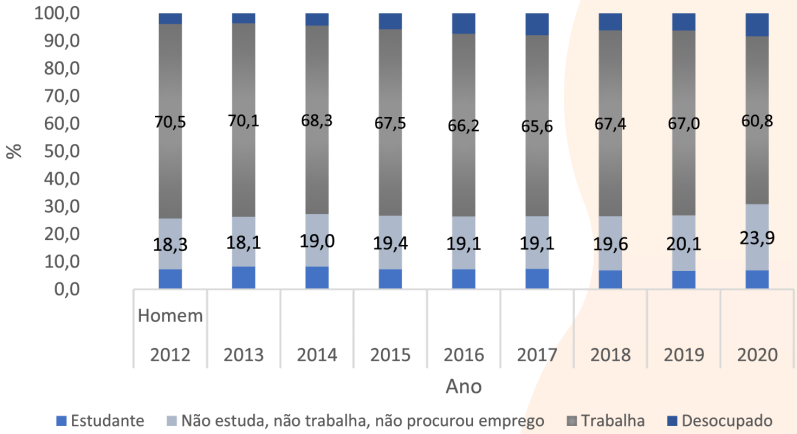
A fim de qualificar melhor as diferenças de inserção de homens e mulheres apresenta-se, através dos Gráfico 8.1 e 8.2, a condição no mercado de trabalho a partir da frequência ou não à escola. Separa-se assim as pessoas que só estudavam ou só trabalhavam, daquelas que estudavam e trabalhavam ou procuravam trabalho e as que não estudavam, nem trabalhavam ou procuravam emprego. Vê-se claramente que são as mulheres que estão mais representadas nessa última categoria. Em 2012, 38,6% das mulheres não frequentavam escola, não procuravam trabalho e não tinham uma ocupação. Em 2020, esse contingente passa para 43,1% das mulheres a partir de 14 anos. De outro lado, a proporção de mulheres que trabalham reduziu de 48,7% em 2012 para 41,7% em 2020.

Gráfico 8.1: Proporção de mulheres por tipo de condição de emprego e estudo - Minas Gerais – 3º trimestre 2012-2020 (%)



No caso dos homens, em 2020, 23,9% não estudavam, nem trabalhavam ou procuravam emprego, enquanto 60,8% trabalhavam.

Gráfico 8.2: Proporção de homens por tipo de condição de emprego e estudo - Minas Gerais – 3º trimestre 2012-2020 (%)

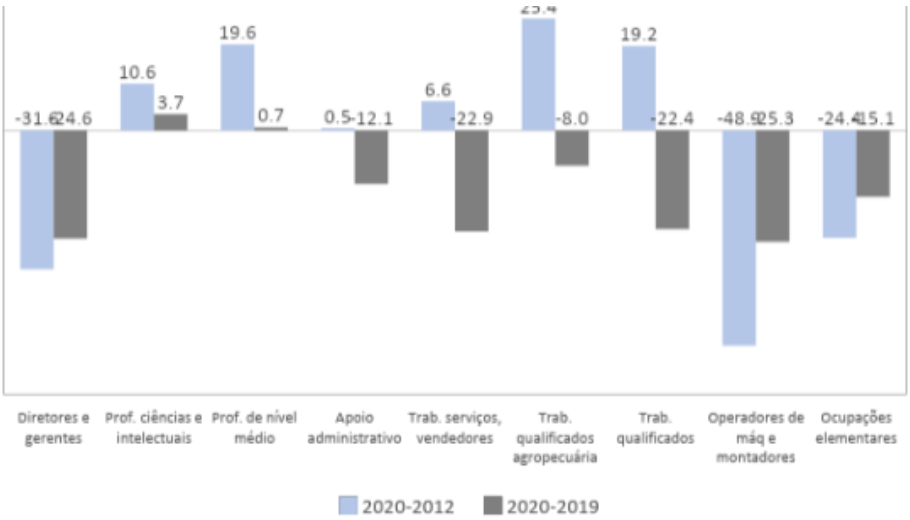


Fonte: CAGED Movimentação; elaboração CEP/Direi - FJP.

No Gráfico 9 vê-se que as mulheres estão mais concentradas em alguns grupos ocupacionais como os profissionais das ciências e intelectuais – 15,8% (que tem um grande peso dos profissionais da saúde e da educação), no trabalho de apoio administrativo (12,8%) e nos serviços e vendedores dos comércios e mercados (26,2%) e das ocupações elementares - 22,2% (grande peso do trabalho doméstico remunerado).

Os segmentos que mais retraíram no terceiro trimestre de 2020 foram justamente os que apresentam os maiores contingentes de mulheres, exceto no grupo de profissionais das ciências e intelectuais, que tiveram variação positiva em decorrência da expansão das atividades de saúde e onde há grande representatividade das mulheres, em detrimento do encolhimento dos serviços de educação (outro segmento que é grande empregador de mulheres). Em relação a 2012, houve redução de 22,9% de mulheres ocupadas nos serviços e vendedoras no comércio e mercado, assim como 15,1% no grupo de ocupações elementares.

Gráfico 9: Variação percentual da estimativa de mulheres ocupadas segundo grupos ocupacionais - Minas Gerais – 3º trimestre 2012-2020 (%)



Fonte: IBGE. PNAD Covid; elaboração: CEP/Direi - FJP

A pandemia do covid-19 alterou a dinâmica do trabalho e da vida das pessoas. A marcante desigualdade econômica e social brasileira foi profundamente descortinada com a crise sanitária de 2020. No que tange à desigualdade de gênero, a divisão sexual do trabalho e a segregação ocupacional aprofundaram os impactos negativos dessa crise para as mulheres. As atividades econômicas onde as mulheres são predominantes foram fortemente afetadas. A questão é saber distinguir entre os impactos conjunturais e estruturais. Os serviços de educação, por exemplo, ao que parece, irão sofrer expressivas reestruturações com adoção de tecnologias poupadoras de força de trabalho, assim como outros segmentos dos serviços, como as atividades meio (gerência) e os serviços domésticos remunerados.

A divisão sexual do trabalho, que permanece estruturando as dinâmicas e escolhas de homens e mulheres na sociedade, acarretou em sobrecarga de trabalho das mulheres que permaneceram no mercado e perda de autonomia econômica para aquelas que saíram do mundo do trabalho remunerado. Os dois casos demonstram a profunda desigualdade de gênero na sociedade brasileira, e em Minas Gerais em especial, em pleno 2021. A pandemia tem sido mais um fenômeno deflagrador da vulnerabilidade das escolhas, ou falta delas, nas decisões profissionais das mulheres. Assim como as empresas e os governos vêm sendo impulsionados a promoverem mudanças em suas formas de trabalho e até mesmo na relação com a sociedade, de forma mais acelerada com o advento da pandemia, às mulheres tem sido criados novos impositivos de sobrevivência. Os dados apontam que manterem-se nessa vulnerabilidade tem sido a única opção válida para as mulheres. A luta é grande, e fica cada dia mais evidente que só cabe às mulheres liderarem essa mudança e assumirem escolhas e posições que lhes caibam bem!

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO
Presidente - Helger Marra Lopes
Vice-presidente - Monica Moreira Esteves Bernardi

DIRETORIA DE ESTATÍSTICA E INFORMAÇÕES
Diretora - Eleonora Cruz Santos
Coordenador Geral - Renato Vale Santos

COORDENAÇÃO DE ESTUDOS POPULACIONAIS
Denise Helena França Marques Maia

EQUIPE TÉCNICA
Denise Helena França Marques Maia
Glauber Flaviano Silveira
Nícia Raies Moreira de Souza
Plínio Campos de Souza

Revisão - Eleonora Cruz Santos

Arte Gráfica e diagramação - Bárbara Andrade

INFORMAÇÕES PARA IMPRENSA

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
Telefone: (31) 3448-9580 / 3448-9588
E-mail: comunicacao@fjp.mg.gov.br
Alameda das Acácias, 70, bairro São Luiz, Pampulha.
CEP: 31275-150, Belo Horizonte, Minas Gerais

COORDENAÇÃO DE ESTUDOS POPULACIONAIS
denise.maia@fjp.mg.gov.br